

ANO XXIX Nº 11 DEZEMBRO de 2012

MARIÁPOLIS

Noticiário do movimento dos focolares

Poste Italiane S.p.A. | Spedizione in abbonamento postale DL. 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n.46) art. 1, comma 2 e 3 | Aut. G.P.C./n. 402/2011 | www.mariapolis.it | mariapolis@poste.it



Sínodo

A boa notícia é para todos

**No 50º aniversário
do Vaticano III**

O evento Concílio
e o Movimento dos
Focolares

Delegados da Obra

Ter como meta
o *Ut omnes*

O Amor contém a fé

Se tiverdes fé como um grão de mostarda direis a este monte: Passa-te daqui para acolá, e ele há de passar; e nada vos será impossível (Mt 17, 19).

Para viver esta Palavra no momento presente, para ser esta Palavra no momento presente, eu devo agir e acreditar de modo que, em mim e ao meu redor, cada montanha seja transportada e o Espírito Santo ocupe o seu lugar.

[...]

Por isso, a cada momento, desapego-me de tudo, até de Deus por Deus, vivendo Jesus Abandonado como objetivo do momento presente.

Jesus Abandonado é a Palavra: cada Palavra é Ele.

A fé é o amor. Quem acredita, ama. Assim como, quem conhece, ama.

Ter uma fé de transportar as montanhas, é querer transportá-las por amor. E eu quero transportar, momento a momento, a montanha que existe em mim, para que em mim viva Deus, o Espírito Santo.

Mas, durante o meu dia, também quero transportar todas as montanhas que encontro na alma de cada próximo ou dos próximos.

Transformo-as em cinzas com o amor.

Isto é, quero aquele peso, aquele abandono, aquela montanha, e acredito (e quero) transportá-la.

É preciso supor que não exista, porque quem ama não vê o obstáculo.

E transportá-la-ei.

Tenho que ter no coração só uma coisa: *amar*. E pôr este amor como base de tudo. Assim, viverei o meu dia transportando todas as montanhas, incendiando todas as almas.



No dia 11 de outubro, com uma celebração solene na Praça São Pedro, o Papa Bento XVI deu início ao Ano da Fé. Este Escrito de Chiara, de dezembro de 1949¹, parece-nos particularmente em sintonia com este acontecimento que nos vai acompanhar durante o ano. Foi no período de luz especial do verão de 1949 que Chiara compreendeu «melhor muitas verdades da fé»², o Amor contém a fé.

¹ Publicado primeiro na revista *La Via* datada de 10 de dezembro de 1949. Depois em *A Palavra de Deus*, por F. Gillet, Città Nuova, Roma 2011, pp. 35-36.

² Cf. *O grito*, Città Nuova, Roma 2000, p. 55.

Chiara

Novidades editoriais

O Pacto de '49 na experiência de Chiara Lubich

Percursos interdisciplinares

«Estudos da Escola Abba» é o título da nova coleção de Città Nuova, que surgiu como expressão cultural pluridisciplinar do Centro de estudos do Movimento dos Focolares, desejado e fundado por Chiara Lubich «para a enucleação e a elaboração da doutrina contida no carisma da unidade».

A coleção traz textos de Chiara do «Paraíso '49» e contributos dos membros da Escola Abba, inspirados naqueles escritos e teses, para demonstrar que a luz do carisma tem um valor cultural muito significativo, que abrange os mais diferentes âmbitos disciplinares e pode incidir profundamente no tecido civil e eclesial, renovando-o.

Esta coleção quer ser também expressão da profunda comunhão de vida e de pensamento que caracteriza a Escola Abba, como a própria Chiara ensinou nos muitos anos em que ela própria orientou a Escola. Portanto, cada estudo publicado, mesmo que tenha um único autor, é realizado com o contributo de todos os membros.

O primeiro volume, intitulado *O Pacto de '49 na experiência de Chiara Lubich. Percursos interdisciplinares*, foi recebido com um verdadeiro interesse pelos Delegados de Zona reunidos em Rocca di Papa para o Encontro anual.

O livro começa com o relato, feito pela própria Chiara, do Pacto de '49, dos seus precedentes e dos seus efeitos: trata-se de um texto particularmente precioso porque narra o início da experiência mística vivida por ela «nas montanhas», nos anos 1949-1950, a que associou imediatamente Foco e as suas primeiras companheiras.

Integraram o escrito de Chiara, aqui publicado em versão inédita, uma série de notas explicativas, muito ricas, elaboradas por ela própria.

Os doze contributos da Escola Abba que se seguem - de uma pluralidade de disciplinas que vão do âmbito teológico ao âmbito humanístico e científico -, oferecem uma atualização do Pacto de unidade no hoje da história.



Alba Sgariglia

no 50º aniversário do Concílio Vaticano II

São profundas e, em muitos aspetos, ainda por descobrir, as ligações entre o evento do Concílio e o Movimento dos Focolares

«Eu vejo que vocês seguem muito autenticamente [...] aquela autodefinição que a Igreja fez de si mesma no Concílio Vaticano II». disse João Paulo II, no dia 19 de agosto de 1984, quando visitou o Centro da Obra, em Rocca di Papa. De facto, as ligações entre o evento do Concílio e o Movimento dos Focolares são profundas e ainda por descobrir, em muitos aspetos.

Concílio Vaticano II: por um novo Pentecostes

A intenção de convocar um Concílio ecuménico, isto é, uma assembleia plenária de todos os Bispos, foi anunciada, com surpresa, pelo beato João XXIII no dia 25 de janeiro de '59.

A tarefa do Concílio Vaticano II (em

1869-70 já se tinha realizado um Concílio no Vaticano) era refletir sobre muitas questões levantadas pelo mundo contemporâneo e, à luz destas realidades, *atualizar* a vida da Igreja e a apresentação da fé de modo a colocar a humanidade de hoje em contacto com as energias vivificadoras do Evangelho. João XXIII nutria a esperança de que pudesse acontecer um «novo Pentecostes».

O início do Vaticano II – o 21º Concílio universal na história da Igreja católica – no dia 11 de outubro de 1962, foi solene. Eleito Papa em junho de 1963, Paulo VI continuou os trabalhos e concluiu o Concílio no dia 8 de dezembro de 1965.

Participaram nos quatro períodos conciliares 2540 Bispos, além de mais de 480 teólogos-peritos, auditores e auditoras, assim como representantes das Igrejas ortodoxas e da Reforma.

Os Documentos do Vaticano II são 16, entre os quais quatro Constituições. As

grandes temáticas que se entrelaçam são:
a vida da Igreja, que compreende:
a Liturgia (Constituição *Sacrosanctum Concilium*); a Igreja como Povo de Deus (Constituição *Lumen Gentium*); as Igrejas de rito oriental; vida e apostolado dos fiéis leigos; vida dos consagrados; ministério dos Bispos; ministério e vida dos presbíteros e sua formação;
a abertura da Igreja a um diálogo uni-

versal, a partir de uma compreensão mais profunda da Revelação (Constituição *Dei Verbum*); diálogo ecumênico e diálogo inter-religioso; liberdade religiosa; atividade missionária;

o relacionamento da Igreja com o mundo contemporâneo (Constituição *Gaudium et Spes*), com atenção a alguns temas particulares (meios de comunicação social, educação).

Jesus no meio e o Concílio

Mas há um grande acontecimento, o maior, que de vez em quando acontece na Igreja: o Concílio ecumênico.

Não é de instituição divina, «não obstante – diz o teólogo Congar – [no Concílio] existe uma certa estrutura à qual o Senhor, livremente, uniu a sua presença com uma promessa formal: “... Eu estarei sempre convosco todos os dias até ao fim dos tempos” (Mt 28, 20). “Onde dois ou mais estiverem reunidos no meu nome, eu estarei no meio deles” (Mt 18, 20) [...]»¹ [...].

De facto, os Padres são tenazes defensores da presença de Jesus, no meio dos Bispos nos Concílios, por isso o Concílio torna-se o grande focolar da Igreja, onde Jesus expande a sua luz com abundância para iluminar os séculos que se seguirão.

Cirilo de Alexandria diz: «... Também procuraram seguir as pegadas [dos Apóstolos] aqueles nossos famosos Padres que, um dia reunidos em Nicéia, definiram o venerável e universal Símbolo da fé [o Credo da Igreja; n.d.r.]. Sem dúvida que, com eles estava o próprio Cristo, que disse: “Onde estiverem dois ou três reunidos no meu nome, eu estarei no meio deles” [...]»².

E João Crisóstomo, dirigindo-se a um hebreu, escreveu: «Pensa bem naquilo que fazes, condenando muitos Padres [do Concílio de Nicéia], tão fortes e tão sábios... Por acaso não conheces as palavras de Cristo: “Onde dois ou três estão reunidos no meu nome, estou eu ali no meio deles”? Porque, se onde estão dois ou três Cristo está no meio [deles], onde estavam trezentos, e muitos mais, Ele, com maior razão, estava presente e disposta e decidia cada coisa»³.

Chiara Lubich

De: *Onde dois ou mais* (1976) em *Jesus no meio e a vida da Igreja (Escritos espirituais*³), Cidade Nova, Parede 1980.

¹ Y. Congar, *Note sul Concilio come assemblea e sulla conciliarità fondamentale della Chiesa* in *Orizzonti attuali della teologia*, Roma 1967, II, 172-173. ² Cirillo d' Alessandria, *Epist.* 55, PG 77, 294. ³ Giovanni Crisostomo, *Adv. Jud.*, orat. 3, PG 48, 865.



Praça de São Pedro, 1963. Durante os trabalhos do Concílio

© C.S.C. Audiovisivi archivio

Igreja viva na escola do Espírito Santo

«Sinto ainda mais intensamente o dever de indicar o Concílio como a *grande graça de que beneficiou a Igreja no século XX*: nele é-nos dada uma bússola segura para nos orientar no caminho do século que começa». (João Paulo II, Carta apostólica *Novo millennio ineunte* 57)

«Para mim foi uma experiência única: depois de todo o fervor e todo o entusiasmo da preparação, pude ver uma Igreja viva [...] que se põe a ouvir o Espírito Santo, o verdadeiro motor do Concílio». (Bento XVI, Audiência geral de 10 de outubro de 2012)



Praça de São Pedro, 11 de outubro de 2012.
Bento XVI com o Patriarca Bartolomeo I

«Nestas últimas décadas foi aumentando uma “desertificação” espiritual. [...] Mas é precisamente a partir da experiência deste deserto, deste vazio que [...] se redescobre o valor daquilo que é essencial para viver. No mundo contemporâneo há inúmeros sinais, muitas vezes expressos de forma implícita ou negati-

va, da sede de Deus, do sentido último da vida. E, no deserto, necessita-se sobretudo de pessoas de fé, que, com a própria vida, indiquem o caminho rumo à Terra prometida». (Bento XVI, Celebração pelo 50º do início do Concílio, 11 de outubro de 2012)

«A abertura do Concílio Vaticano II, pedra basilar transformadora, foi inspirada pela realidade fundamental de que o Filho e o Logos encarnado de Deus está “onde dois ou três estiverem reunidos no seu nome” (Mt 18, 20) e que o Espírito que procede do Pai “guiar-nos-á para toda a verdade” (Jo 16, 13)». (Patriarca Ecuménico Bartolomeu I, Praça de São Pedro, 11 de outubro de 2012)

Convicto de que os documentos conciliares contêm «*uma enorme riqueza para a formação das novas gerações cristãs*», por ocasião do 50º aniversário, Bento XVI convidou a ter de novo contacto com o Concílio, para descobrir «*a beleza de se ser cristãos, de se ser Igreja, de viver o grande “nós” que Jesus formou ao seu redor, para evangelizar o mundo*».

No 50º aniversário do Concílio: qual é o contributo do Movimento?

Como contribuir, com o carisma da unidade, para o aprofundamento e a atuação do Vaticano II neste seu 50º, num momento em que a fé cristã experimenta tantas dificuldades e a Igreja, muitas vezes, corre o risco de se pôr apenas na «defensiva»? De que modo viver este aniversário que, na realidade, dura quatro anos, como durou o próprio Concílio? E como transmitir, usando os nossos meios de comunicação, a forte experiência que o Movimento fez com os documentos conciliares?

Para colocar estas perguntas, a 4-5 de junho passado, por iniciativa da Revista de vida eclesial *gen's* e dos conselheiros do anil da Obra, realizou-se em Ariccia (Roma) uma consultadoria com 41 participantes: 17 especialistas, 11 editores e comunicadores da Obra (Città nuova, SIF, website, revistas *gen's* e *Unidade e carismas*), 8 responsáveis de ramificações da Obra mais diretamente empenhadas no âmbito eclesial (sacerdotes e gens, religiosas e religiosos, Bispos, Movimento paroquial e diocesano), com Giancarlo Faletti e os conselheiros do Anil e do Violeta.

A Emmaus assegurou a sua unidade.

Na realidade, iniciou-se com o da liturgia, dedicado à realização do Concílio no seu conjunto, ao Ano da Fé e ao primeiro documento conciliar. Nos próximos anos, vão seguir-se outros aprofundamentos de algumas temáticas do Concílio.

Desde a abertura, evidenciou-se que o fulcro do Vaticano II foi uma nova presença de Jesus na história da humanidade de hoje e que, aprofundar o Concílio, significa não só conhecer e atuar os seus ensinamentos, mas fazer, antes de mais, aquela experiência única da presença do Ressuscitado, que ultrapassa todos os confins. Assim, nasce não só a exigência, para o Povo de Deus, de se abrir a um diálogo de 360°, mas também a premência de viver cada vez melhor aquela dinâmica «trinitária» que é a sua natureza e que não pode deixar de ter repercussões em campos cruciais, como o papel dos leigos e em particular o da mulher, a sinodalidade (isto é, uma direção compartilhada da comunidade eclesial), o relacionamento Igreja-sociedade, etc.

A partir das intervenções dos especia-

listas, percebeu-se que a parte carismática da Igreja poderá dar um importante contributo a este objetivo. De modo especial, através do carisma da unidade, com os seus dois pontos fundamentais, «Jesus no meio» e «Jesus Abandonado», que não só ajudam a construir a Igreja como comunidade, mas também a impulsionam a ir ao encontro de cada ser humano.

Os diálogos daqueles dois dias, muito vivos e cheios de luz, resultaram em perspetivas comuns que comunicámos à Emmaus: a possibilidade de tomar em consideração, no ano dedicado ao irmão, a visão conciliar da Igreja, aberta a um diálogo de 360° e o nosso modo de atuar com o Ideal; a possibilidade de realizar em 2013-14 um Simpósio sobre a Igreja à luz da *Lumen Gentium*; a oportunidade de estabelecer para os anos do 50° (2012-2015) uma linha editorial comum e comunicativa; a urgência de «reanunciar» o Concílio aos jovens; o desejo de que a Escola Abba e o Instituto Universitário Sophia colaborem nestes projetos.

Pe. Hubertus Blaumeiser
Jesús Morán – Alba Sgariglia

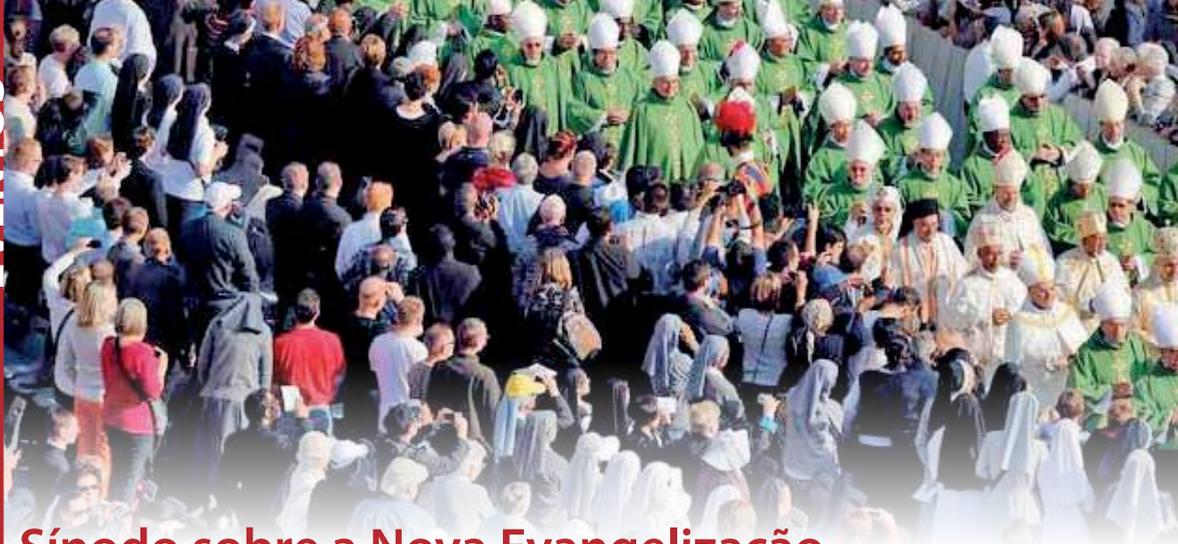
Cursos UPM sobre o Concílio Vaticano II

Nos próximos três anos a Universidade Popular Mariana (UPM) tem como projeto, para a formação permanente dos membros internos do Movimento, além do aprofundamento teológico sobre os pontos da espiritualidade, também uma série de lições sobre o Vaticano II.

Começa com um enquadramento histórico do evento, que vai proporcionar, àqueles que não o viveram diretamente, a oportunidade de ter um conhecimento do contexto cultural, social e eclesial daquela época, tão visivelmente tocada pelo sopro do Espírito Santo, para descobrir, ou redescobrir agora, toda a atualidade dos seus ensinamentos.

Uma outra lição vai ser dedicada à Constituição sobre a Liturgia (*Sacrosanctum Concilium*), documento que deu início a uma reforma litúrgica de grande envergadura, oferecendo a todos os fiéis leigos a possibilidade de participar mais ativamente - também através da tradução dos textos latinos em línguas locais - em cada celebração litúrgica.

O projeto prosseguirá, nos anos sucessivos, com lições dedicadas ao estudo das Constituições sobre a Igreja (*Lumen Gentium*) e sobre a Igreja no mundo contemporâneo (*Gaudium et Spes*), com referências a outros documentos conciliares de grande interesse para os fins específicos do carisma da unidade.



Sínodo sobre a Nova Evangelização

A boa notícia é para todos

Abertura, estima recíproca, «protagonismo eclesial» dos bispos, dos leigos e dos movimentos. «No Sínodo fiz a experiência da Igreja comunhão» - foi como sintetizou o evento Maria Voce, no Avenire de 30 de outubro.

Um dos motivos pelo qual este Sínodo sobre a Nova Evangelização vai ser lembrado é a estreita ligação com o 50º aniversário do Concílio Vaticano II. Concílio e Sínodo, o mesmo objetivo: o anúncio do Evangelho ao mundo de hoje. A quem? Como? Principalmente às pessoas que - como foi lembrado por Bento XVI - apesar de serem batizadas, se afastaram da Igreja, sem esquecer naturalmente quem ainda não recebeu a Boa Nova.

Os Padres Sinodais eram 262 - o número mais elevado de todos os tempos. Estavam também 45 especialistas e 49 auditores - homens e mulheres que trouxeram a experiência viva também dos leigos, e que foram escolhidos entre especialistas e pessoas empenhadas na evangelização, nos cinco continentes. Entre estes Emmaus - que tomou a palavra na sessão sinodal de 17 de outubro -, Marco Im-

pagliazzo (Santo Egídio), Franco Miano (Ação Católica), Salvatore Martinez (Renovamento Carismático) e Chiara Amirante (Novos Horizontes). Dos Focolares estiveram presentes também Ernestine Sikujua Kinyabuuma, da

Em diálogo com Emmaus

«Parece-me que sentimos todos uma grande alegria por nos reconhecermos Igreja - disse a Emmaus numa entrevista sobre o Sínodo, à Rádio Vaticana -. Também os pastores se estão a aperceber, cada vez mais. Mas penso que é também importante respeitar a especificidade dos carismas que cada um traz, porque são dádivas de Deus e não se podem misturar de forma indiferente. Ao mesmo tempo, é necessário saber que, cada uma destas dádivas, serve para a construção do conjunto. Portanto, aquele dom específico do Movimento dos Focolares ou da Comunidade de Santo Egídio, ou do carisma de um Bispo, deve integrar-se com todos os outros carismas, exatamente para a construção do Corpo de Cristo que é a Igreja. Creio que, neste sentido, ainda há muito caminho a fazer».



República Democrática do Congo e Gisèle Muchati, da Síria.

Havia uma significativa presença de delegados fraternos de diversas Igrejas.

Convidados especiais: o irmão Alois, prior de Taizé, o rev. Lamar Vest, dos Estados Unidos da América, presidente da **American Bible Society e Werner Arber, Prémio Nobel para a medicina em 1978**, protestante, presidente da Academia Pontifícia das Ciências. Além dos oradores habituais, havia um de língua árabe.

Desafios apresentados

«Um sinal da Nova Evangelização são os Movimentos eclesiais e as novas comunidades,

que são uma grande bênção para a Igreja de hoje». Foi assim que o cardeal Donald W. Wuerl, relator geral do Sínodo, frisou a importância dos leigos na Nova Evangelização. E o cardeal Rylko, na sua intervenção no dia 10 de outubro, tinha sublinhado o contributo que os Movimentos dão. «O impulso missionário das novas realidades não deriva de um entusiasmo emotivo e superficial, mas sim de experiências muito sérias e exigentes de formação dos fiéis leigos para uma fé adulta, capaz de responder adequadamente aos desafios da secularização».

Notou-se uma maior consciência de que uma evangelização frutuosa está ligada à comunhão total e visível entre as Igrejas. De realce a presença do Patriarca de



17 de outubro de 2012.
A intervenção da Emmaus no Sínodo

Um caminho a fazer dentro da comunidade eclesial, mas também um caminho para fora da Igreja, em direção aos não crentes...

«Sem dúvida. Até uma pessoa que não tenha princípios religiosos ou que não se reconheça nos princípios religiosos, tem também qualquer coisa para dar. Neste sentido parece-me que os leigos têm a especificidade de ir ao encontro das pessoas, não daquelas que vão à Igreja, mas daquelas que estão fora da igreja, e que andam à procura de uma resposta para a questão do sentido da vida, que todos os homens têm. Nós testemunhamos o Evangelho através do amor, e ninguém fica indiferente ao amor, ninguém recusa ser amado!

Quando se estabelece uma relação de amor é fácil depois passar da caridade à verdade».

Num mundo onde o homem contemporâneo, que procura uma espiritualidade, muitas vezes só encontra soluções de sincretismo religioso, pôr-se em diálogo com as outras religiões representa um desafio onde vocês estão a ter sucesso, embora continuem bem fixos na vossa identidade...

«É difícil dizer, "ter sucesso". É sempre uma tentativa que se faz e se repete muitas vezes. Mas é verdade que nós pomos muito empenho em sermos nós mesmos, e aqueles que nos convidam sabem que convidam pessoas que são cristãs, sabem que nos apoiamos sobre esta rocha fundamental, e apreciam-nos por isto».

Qual é o seu desejo para este Ano da fé, que acabou de começar?

«Devemos esperar por aquilo que está a surgir neste Sínodo: o desejo de voltar a anunciar a nossa fé na caridade, dando-nos conta também dos muitos erros que talvez fizemos, mas sem ter medo, porque Jesus está ainda connosco».

Trechos da entrevista de Paolo Ondarza à Emmaus, para a Radio Vaticana, apresentada a 17 outubro.

Constantinopla Bartolomeu I e do Primaz da Comunhão anglicana Rowan Williams, com os quais Bento XVI abriu, a 11 de outubro, o Ano da Fé.

Na Praça de São Pedro, foram de forte impacto as palavras de Bartolomeu I: «No atual crisol de violência, separações e divisões que se vai intensificando entre povos e nações, que o amor e o desejo de harmonia que declaramos aqui, e a compreensão que procuramos



Praça de São Pedro, 11 de outubro de 2012.
Bemto XVI com o Arcebispo R. Williams

com o diálogo e o respeito recíprocos, sirvam de modelo para o nosso mundo».

O arcebispo Williams - na sua articulada e rica ilustração do tema, do ponto de vista anglicano - sustentou que uma autêntica iniciativa de evangelização será sempre também uma evangelização, que parte de nós mesmos, isto é, do motivo pelo qual a nossa fé é essencial para nós. Tornam-se cada vez mais cruciais, no mundo de hoje, lugares como Taizé e Bose, e «as grandes redes espirituais, como Santo Egídio, os Focolares, Comu-

nhão e Libertação». Rowan Williams cita também Chiara Lubich porque - recorda - «o imperativo fundamental» na sua espiritualidade era de se «tornar uma coisa só», «uma coisa só com o Cristo crucificado e abandonado, uma coisa só, por meio d'Ele, com o Pai, uma coisa só com todos aqueles que foram chamados a esta unidade e, deste modo, uma coisa só com os necessitados mais profundos do mundo». Só se se estiver neste nível é que o Evangelho de Cristo poderá ser, mais uma vez, «irresistivelmente atraente para os homens e para as mulheres do nosso tempo».

Synodos, caminho comum

Numa breve saudação improvisada, no fim do almoço a 12 de outubro, Bento XVI disse: «É uma bonita tradição, criada pelo Beato Papa João Paulo II, de coroar o Síno-do com um almoço em conjunto. Para mim é uma grande alegria que à minha direita esteja Sua Santidade o Patriarca Bartolomeu, Patriarca Ecuménico de Constantinopla, e, do outro lado, o Arcebispo Rowan Williams da Anglican Communion. Para mim esta comunhão é um sinal de que estamos em caminho em direção à unidade e que, no coração, estamos a avançar. O Senhor vai ajudar-nos a avançar também exteriormente. Esta alegria, parece-me, dá-nos força também para o mandato da evangelização. 'Synodos' quer dizer "caminho comum", "estar num caminho comum". Por isso, a palavra synodos faz-me lembrar o famoso caminho do Senhor com os dois discípulos de Emaús» (ver Observatório Romano 14 Outubro 2012).

por Gianna Sibelli

Para outras entrevistas, para um maior aprofundamento sobre o Sínodo, remetemos para: www.focolare.org

Sinalizamos em particular a «Mensagem ao Povo de Deus» emanado das conclusões.

http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20121026_message-synod_it.html



Encontro dos delegados da Obra

Alargar os horizontes

Os «laboratórios» abertos no encontro dos dirigentes da Obra, em Rocca di Papa, chamam a atenção para uma responsabilidade partilhada a todos os níveis.

Quando chega o mês de setembro e os delegados da Obra nas Zonas chegam ao Centro, todo o mundo focolarino parece transferir-se para Rocca di Papa, mesmo se a vida das comunidades nos diversos territórios não tem tréguas. É um momento importante na vida do ano, no qual se entregam os frutos, se dividem alegrias e dores, se traçam projetos. Parte-se, enfim, com novas perspetivas para o ano em curso, fortalecidos com aquela experiência de comunhão planetária que anula as distâncias geográficas e reforça aquele sentir-se «Obra», independentemente da Zona onde se vive, ou que se deixa ou para a qual se é transferido.

Estamos numa fase de mudanças e não só para muitos delegados. É toda a Obra que está em jogo, nas suas diversas expressões, e ainda mais, no seu modo de atualizar um Ideal, sempre igual na sua inspiração e nos seus conteúdos, mas sempre em movimento na sua concretização. A questões novas, é necessário procurar respostas adequadas e portanto pôr-se em discussão, nunca saciados, nun-

ca cómodos, nunca entrincheirados atrás de um «sempre se fez assim».

E o diálogo sobre temáticas importantes pode ser uma característica das três semanas do encontro: diálogo sobre a identidade dos focolarinos e sobre a sua distribuição geográfica, sobre o mundo juvenil depois do Genfest, sobre a nova organização da Obra nas Zonas, sobre o impulso para o «Ut omnes».

De «laboratórios» de facto fala Giancarlo Faletti, referindo-se a uma metodologia usual no Centro da Obra e que é aplicada com eficácia «porque é aquela, no fundo, que melhor exprime sinteticamente esta experiência. Laboratórios quer dizer, antes de mais, unidade. Laboratório quer dizer muito trabalho, muito trabalho. Portanto estas paredes conhecem muitíssimo trabalho, não só através dos vários momentos, os vários encontros no Centro da Obra, do Conselho geral, mas através da metodologia que é clássica também na Igreja, se quisermos: formar Comissões».

Vejamos agora com que espírito podemos «acompanhar» o trabalho dos diversos laboratórios abertos, e qual é o percurso que nos es-

pera este ano, à luz daquilo que surgiu entre 13 de setembro e 6 de outubro, em Rocca di Papa.

Os jovens e o Genfest

Sobre o Genfest, já escrevemos no número anterior. Foi um benefício para toda a Obra, para os jovens, que foram corajosos, e para os adultos, que viram consolidada a sua confiança nas novas gerações. «*O que é que nos mostrou o Genfest? – perguntou a Emmaus - O futuro da Obra assegurado! Mostrou-nos uma segunda geração que assumiu integralmente o Ideal, que é capaz de o viver, de testemunhar, de o anunciar, de o fazer avançar.*

Através disto, Deus diz-nos: "não tenham medo! Não tenham medo se os focolarinos diminuírem, não tenham medo se tiverem de fechar algum focolar! Existem centenas, milhares de jovens que estão ali, que não querem outra coisa senão continuar aquilo que vocês começaram. E destes jovens vão surgir os novos atletas desta unidade. Portanto estejam tranquilos, tenham calma!».

Mas há um apelo para uma chamada de atenção e de responsabilidade de toda a Obra, porque «*é preciso ter cuidado para não deixar cair toda esta maravilha de graça que foi o Genfest*». O que é que é necessário fazer agora nas zonas com os jovens? Elaborar projetos juntamente com eles, de acordo com o projeto global que nasceu no Genfest, dentro do qual se devem inserir também os projetos relativos à zona. «Nestes projetos, ajudar os gen – sugere a Emmaus -, mas eu diria: *deixem ser os gen e os jovens a fazer, porque eles sabem depois como continuar*



a desenvolvê-los». Da parte dos adultos, portanto, oferecer todo o apoio necessário num clima de reciprocidade, «*não de paternalismo*». Procurar «*organizar a vida da Obra nas zonas de maneira que os jovens vejam esta vida possível, que não a vejam como uma coisa estranhíssima, tão fora do normal que eles não sintam vontade de se inserir; portanto fazer mais vida juntos, fazer momentos de lazer são, divertidos, juntamente com eles*»: da parte dos gen, empenhar-se «*em sair e ir ao encontro dos jovens*».

Os focolarinos e a Obra

No encontro dos delegados, este ano dedicou-se muito tempo à reflexão sobre a vocação dos focolarinos. Um trabalho que envolveu também o Conselho geral e portanto também as outras ramificações e movimentos. Com efeito, a coisa importante é «*que toda a Obra – sublinhou a Emmaus -, todos juntos tenhamos olhado para esta vocação da focolarina, do focolarino, e tenhamos descoberto a importância, a beleza e a insubstituibilidade na vida da Obra*». E, evidentemente, surgiram também as críticas, as fragilidades que exigem uma resposta. Por onde começar? Dar prioridade aos relacionamentos. «*Começar com*





o amor ao irmão – sugeri, a Presidente -. Depois, no concreto significa muitas coisas. Por exemplo: significa valorizar o contributo de cada um, pequeno ou grande; significa reconhecer e aceitar os próprios limites, os seus e os dos outros, e ajudar-nos todos a dar tudo a Deus, mas aquele "tudo" que cada um tem, que é diferente uns dos outros, tanto no plano espiritual, como no plano humano». E depois ter presente duas dimensões essenciais da vocação do focolarino e da focolarina, que não devem diminuir: a vida com Jesus no meio e a vocação ao «Ut omnes». Se um focolarino, que vive com Jesus no meio, não tem o coração totalmente aberto sobre toda a humanidade, e por isso não consegue viver pela humanidade - que é uma outra dimensão essencial na vocação do focolarino, que se diminuir... - põe em perigo a sua própria vocação».

Mensagem clara: ocupar-se dos focolarinos não quer dizer que a Obra olha para o seu interior, quase virada sobre aquelas que são portanto as suas estruturas. Nada disso: se queremos consolidar os pilares do edifício é porque a casa quer ser cada vez maior, para acolher uma família cada vez mais numerosa. O horizonte é «Ut omnes», nada menos.

Feitos para o «Ut omnes»

A Emmaus disse aos delegados da Índia: «Uma coisa que gostei daquilo que escreveste no relatório foi "ajudar os nossos a passar da ideia que o Ideal é um tesouro para si, à ideia que eles são instrumentos deste tesouro para os outros". Isto parece-me muito positivo, não só para os

focolarinos e focolarinas, mas para os aderentes, para aqueles que querem viver o Ideal. É bom dar graças a Deus pela dádiva recebida e dizer: "Este tesouro foi-me dado a mim" e portanto sentir-se privilegiado. Mas não deixá-lo parado. Um dom de Deus nunca é só para nós. Isto vale para toda a Obra, que se deve projetar sempre neste sentido, e vale para cada pessoa concretamente».

«Nem sequer é suficiente ter aumentado o número das estatísticas - diria numa outra ocasião - não basta ter feito uma Mariápolis a mais [...] Então, o que é que é preciso? É preciso ter a alma projetada no "Ut omnes"».

Também 70 anos após o início do Movimento, não acabou o tempo da sementeira. E se nos anos sessenta partiam os navios que levavam «focolarinos aos mais distantes», como diz uma conhecida canção dos primeiros tempos, hoje sucedem os mesmos efeitos de formas diversas. «Ver todos estes diálogos que se abrem: dos diálogos com os Movimentos ao diálogo com aqueles que não têm nenhuma fé religiosa. Claro que pode vir o pensamento: mas para fazer todas estas coisas temos necessidade de mais focolarinas. Então: "Não podemos fazê-lo!" Mas se pensarmos: "Para fazer todas estas coisas temos (necessidade) de mais amor, que colocamos no coração de cada um, daqueles que já existimos, para amar as pessoas que encontrarem", meu Deus! Eu penso que pode ser uma tal revolução, que pode ser uma tal invasão, uma tal inundação de amor no mundo! O tempo parece propício: O amor a Jesus no irmão, disse a Emmaus - «faz-nos viver com a alma lançada no "Ut om-



nes"», *far-nos-á viver todos os diálogos, sem nos preocuparmos se em vez de três focolarinos temos dois, se em vez de quatro zonas temos duas. Chiara não tinha nenhuma e deu início a tudo. Também nós podemos fazer a mesma coisa e devemos fazer porque é Chiara que no-lo pede hoje.*

Nova organização das zonas

Também quando se fala de um processo que, já em ato nalgumas zonas, apenas começado noutras, está a mudar a organização territorial da Obra, com projetos de "agrupamento", o horizonte permanece o «Ut omnes». Assim, explica a Emmaus: *«Este processo que se está a fazer para reestruturar a Obra - agrupar nalguns casos - parece-me que segue a linha do "Ut omnes". Por isso não tenham medo, porque faz-se isto, não para reduzir, mas para alargar. Para alargar a alma, e não tanto para alargar o território. Claro que, às vezes, parece-nos que estamos a ser condicionados pelas circunstâncias, mas não nos devemos esquecer que, até as circunstâncias fazem parte daquele de que Deus se serve para nos dizer aquilo que quer».*

A Obra está a ir em frente ou para trás? Poderia surgir esta pergunta. *«A Obra não foi para trás - sublinha a presidente -, foi para a frente, exatamente porque cada um tem mais responsabilidade, sentiu-se mais motivado, deu algum passo para ajudar, para colaborar, e todos cresceram, todos foram em frente. E as comunidades, sentindo-se mais responsáveis, aumentaram o seu raio de ação, olharam um para além do seu particular. Portanto foi uma coisa positiva».*

O que acontecerá nas Zonas que se preo-

cupam em encontrar novos ajustes? - *«Um impulso possível - sugere a Emmaus - é em função do reino de Deus [...] Também onde se decidiu pelo agrupamento, o desejo, a oração, a unidade é que, este próximo ano não seja um ano em que a Obra está voltada para o seu interior, que procura perceber como fazer no seu interior, mas olhe para fora e em função do reino de Deus».*

Coragem, confiança, relacionamentos novos

E por fim um auspício. Giancarlo, falando da confiança necessária sempre e ainda mais nesta fase «passar de zona a região», apresenta um raio de acção: *«Digamos com coragem: confiança para as que passam de regiões para comunidades locais! Um pequeno apelo: também aqui eu diria: tenham coragem! E eu diria às ramificações. É precioso falar aqui diante do conselho geral, digo-o com uma palavra: não tenham medo! Não tenham medo! Os internos não vão estragar a sua formação, às vezes de muitas décadas, se se empenharem na comunidade local! Não tenham medo. Ajudai-os, ajudai-os de todos os modos, encontrá-los-eis crescidos, e este caminho estará em continuidade com o que se está a dizer.*

"Tarefas" para o ano em curso? «Mandem-nos as experiências de como melhoraram durante este ano os vossos relacionamentos - disse a Emmaus -. E também no relatório, em vez de vos perguntar quantas Mariápolis fizeram ou quantos... vamos perguntar-vos: Como melhoraram este ano os vossos relacionamentos?».

Aurora Nicosia





29 de outubro

Chiara Luce

A nossa companheira de escalada

Dois anos depois da beatificação, a gen de Sassello suscita vida evangélica

550 jovens em Mannheim, na Alemanha, 1800 pessoas no Vallais, na Suíça, 3000 jovens e menos jovens em Teramo, na Itália, 6000 em Zdar na República Checa. São estes alguns números que mostram a quantidade de pessoas que estão a conhecer a figura de Chiara Luce através de encontros em que se fala dela. Claro que, apresentar números reais não é possível: não se consegue, de facto, quantificar aqueles que todos os dias visitam a página de Chiara Luce no *facebook*, ou os doentes que ouvem falar da sua vida e do seu processo de canonização ou ainda quantos acedem ao *site* www.chiaraluce.org e, com poucas linhas, ficam encantados por esta jovem beata dos dias de hoje, para não falar também de quantos leram os livros que falam dela, ou assistiram ao musical, eventos artísticos e peças teatrais.

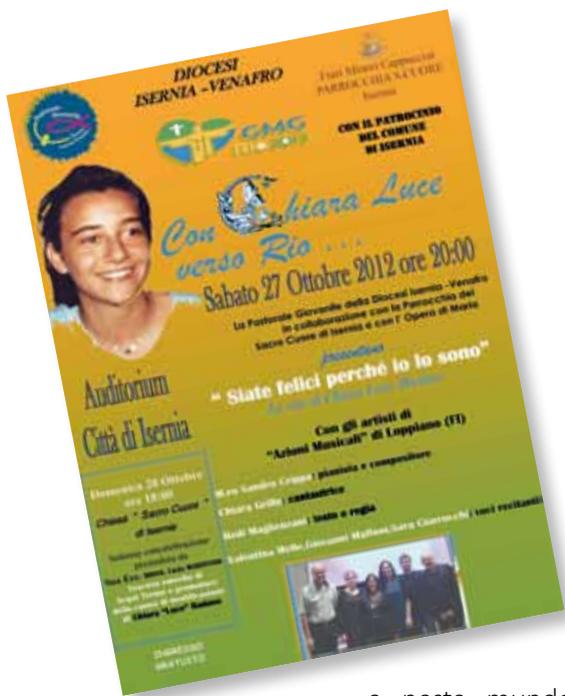
No dia seguinte à beatificação, o Papa Bento XVI falou de Chiara Luce na Sicília, quando se encontrou com muitos jovens, apresentando-a como um exemplo de pessoa realizada e santa. E agora, dois anos depois daquele momento, o Santo Padre incluiu-a entre os «intercessores» da próxima JMJ do Rio de Janeiro.

Mas o que aconteceu neste período?

Da Itália à Argentina, da Ásia à Austrália, até ao mundo inteiro: não se pára a onda que, partindo de Sassello, a sua terra natal, irradia, vivifica e gera uma geração verdadeiramente "nova", que é um bom presságio para uma capacidade de ajudar a construir um mundo unido.

Em muitos municípios, não só italianos, administradores e cidadãos dedicaram a Chiara Luce parques, ruas, altares nas Igrejas com a sua fotografia; há também religiosas que, no momento de professar, passaram a ter o seu nome e pais que deram às suas filhas, nascidas talvez de partos difíceis, o nome de Chiara Luce.

A esperança da gen de Sassello traz uma "novidade de vida". Esta rapariga, que encarnou plenamente o Ideal da unidade de Chiara Lubich, continua a fascinar e a arrastar milhares e milhares de pessoas de todas as latitudes - sobretudo jovens - que estando ansiosos por receber «tudo e muito rapidamente», a quem lhes transmite a possibilidade real de se fazerem santos, mesmo nos dias de hoje



e neste mundo, na nossa sociedade.

As novas gerações do Movimento encontraram em Chiara Luce uma companheira excepcional para irradiar o Ideal. As ocasiões multiplicam-se sem parar e

empenham-se em todos os eventos em primeira linha, com a certeza de que, com Chiara Luce, podem testemunhar a grande oportunidade de se fazerem santos juntos, começando por viver o Ideal na família, com os amigos, pelas ruas das suas cidades; trata-se de caminhar, já não sozinhos, mas de mãos dadas. A fantasia não tem limites ao exprimir a "beleza" que se capta na mensagem e na vida gen e que vê em Chiara Luce uma ponta de lança.

Como surgiram tantos frutos inesperados?

A resposta a esta pergunta é dada por Chiara Lubich que nos «encoraja a fazer-nos santos juntos». É esta a novidade. Chiara Luce trouxe de volta a moda da santidade e o desejo de gastar a vida por coisas grandes, entre os jovens mas também entre os adultos; primeiro, as novas gerações receberam

Linha direta com o «Centro Chiara Luce»

www.chiaraluce.org

Alguns e-mails e impressões que chegaram depois dos encontros em que Chiara Luce foi apresentada:

Daniele dirige-se diretamente a Chiara Luce: «Querida Chiara, ouvi falar de ti há muito pouco tempo, na verdade só ontem à noite... em ti impressionou-me muito a fé sincera que a mim me falta... e o facto de teres ouvido e feito a vontade do Senhor sem nunca olhares para trás e duidares. Dá-me também a mim uma ajuda...»

Um jovem brasileiro depois de regressar de Sassello: «O que importa agora, mais que a recordação, é viver como Chiara Luce! E a santidade vivemo-la juntos, mesmo no autocarro».

O e-mail de Mattia: «Sou um rapaz de 26 anos, dentro de poucos dias estarei internado para fazer uma cirurgia à cabeça motivada por uma recaída. No passado domingo, durante o sacramento da confissão, foi-me aconselhado ler **Eu tenho tudo**. Li-o todo de uma vez e fiquei muito impressionado com a força que Chiara me transmitiu; para mim Chiara foi, é, e será um exemplo de vida formidável. Obrigado Chiara! Esta manhã, quando acabei de ler o livro, a tristeza transformou-se em força, em energia positiva. Espero ter a possibilidade de ir a Sassello para estar perto de ti!».

O «Centro Chiara Luce» - info@chiaraluce.org - trabalha em estreita colaboração com a Secretaria internacional Jovens para um Mundo Unido e segue múltiplos eventos ligados à jovem de Sassello, nos quais o Movimento dos Focolares está envolvido.



Sassello, 29 de outubro de 2012. A celebração no dia que a Igreja dedicou a Chiara Luce



Mais de 1700 pessoas reunidas em Sassello. Muitas iniciativas por toda a parte. Ver www.focolare.org "in festa com Chiara Luce"

a "tocha", lançando-se a transmitir o carisma de Chiara ao mundo.

E, se é verdade que Chiara Luce foi uma gen, a primeira do Movimento dos Focolares a ser beatificada, também é verdade que agora a sua pessoa, o seu testemunho é património de toda a Igreja e da humanidade: são muitos, de facto, os Bispos que vibraram ao descobrir que este tipo de santidade é aquele que atrai os jovens de hoje. Mons. Rino Fisichella, presidente do Conselho Pontifício para a Nova Evangelização, numa viagem, no verão, a Melbourne, na Austrália, falando de Chiara Luce e do testemunho que foi dado por Maria Teresa e Ruggero Badano - que ele teve oportunidade de ouvir durante um evento em Turim - disse: «um exemplo de verdadeira evangelização presente na Igreja de hoje. Chiara Luce Badano

deu um testemunho heróico de Jesus Crucificado e Ressuscitado: nela encontramos um verdadeiro modelo de santidade para a Igreja hoje».

E Chiara Luce é também uma resposta ao sofrimento que se encontra na sociedade de hoje. Basta pensar nos mais de 200 presos que, na prisão de Rebibbia, em Roma ouviram com emoção a sua história.

Quando Maria Teresa e Ruggero terminaram de falar, todos quiseram saudá-los pessoalmente recebendo, através daquele aperto de mão, daquele abraço, uma nova força. Entre os muitos ecos que chegaram ao casal Badano, um recluso disse: «Chiara ensinou-me a enfrentar a vida e a morte; quem sabe se conseguirei também eu enfrentar o meu momento. Também aquilo que vivo hoje, que, por agora, é o meu momento».

ao cuidado de Tiziana Nicastro



Uma alma na obra Foco e os frutos do Espírito

Um novo livro de Pino Quartana editado pelo Centro Igino Giordani

Nos últimos tempos Pino Quartana aprofundou algumas meditações de Igino Giordani em encontros no Centro da Obra. Os participantes foram conduzidos aos pontos altos do testemunho de Foco, totalmente dedicada à Obra e fiel a Chiara, e, lá de cima, uma «vertigem» espiritual projetou-os para o chama-



Pino Quartana com Igino Giordani

mamento de viver pela unidade hoje. Os temas tratados foram escolhidos pela sua atualidade: a Palavra, o social, a virgindade. Estas meditações foram reunidas num livro que é possível

solicitar ao Centro Igino Giordani. São meditações sobre Foco, mas, apesar de Pino nunca ter «desviado» o argumento para si, para não retirar espaço a Foco e a Chiara, da leitura é evidente que ele não é simplesmente um mensageiro. Sobretudo hoje, que a saúde de Pino está a ser posta à prova, as suas palavras «resplandecem» com verdade e amor, indicando a estrada do amor pela Obra, por Chiara e pelo co-fundador: Foco.

Alberto Lo Presti

EM DIÁLOGO

Na Coreia entre Confúcio e Buda

Descobrimo as raízes culturais da Coreia

Visita ao Centro do Confucionismo em Seul. Aceitando o convite do Dr. Gun-Duk Choi que representou o confucionismo no encontro de Assis, em 2011, em agosto fiz uma visita ao Sungkyunkwan, centro do confucionismo na Coreia, com Maris Moon e Alberto Kim (delegados da Obra), e Corin e Joseph Jang (encarregados do diálogo inter-religioso na zona). O Dr. Choi, presidente, apresentou-nos o centro que é também a mais antiga Universidade, nascida no século IV, e é um lugar histórico da cultura Coreana.

O termo «confucionismo» deriva de Confúcio, grande pensador e filósofo chinês, que viveu 500 anos antes de Cristo. O seu ensinamento incidiu profundamente sobre o pensamento e o estilo de vida nalguns Países do Extremo Oriente. Foi interessante descobrir ali a citação da Regra de Ouro mais antiga: um discípulo perguntou-lhe se havia uma palavra sobre a qual se possa basear a conduta de toda a vida. Respondeu: «Aquilo que não queres que seja feito a ti não o faças aos outros» (Diálogos 15,24).

Para compreender melhor a raiz confuciana da cultura, necessária para encarnar o Ideal





ali, haverá um encontro inter-religioso e intercultural na Coreia e será convidado o Dr. Choi, que é muito aberto ao cristianismo.

No centro do Won Buddhism (Iksan).

Dirigimo-nos depois a Iksan, no sul do País, para uma visita organizada pelo Prof. Kwang-Soo Park, diretor do Instituto para o estudo de religiões da Universidade Wonkwang, que tinha participado no Simpósio com os budistas em maio passado, em Castel Gandolfo. Estava muito contente tanto pelo Simpósio como pela visita que fez a Loppiano. Queria que conheçêssemos o berço da sua religião.

A Universidade, frequentada por 12000 estudantes, foi fundada sobre o espírito do *Won Buddhism*, movimento budista moderno, nascido na Coreia. Fomos recebidos pelo Grande Mestre Kyungsan, 5º patriarca das organizações, que quis estar connosco pessoalmente,

interrompendo o seu período de retiro. Num clima de grande cordialidade, pudemos trocar as nossas opiniões sobre o diálogo inter-religioso. No fim, o Grande Mestre disse: «Somos companheiros da mesma obra!».

À tarde rea-



lizou-se, numa sala da Universidade, uma conferência sobre «Religião e Paz - a espiritualidade do Focolare e o diálogo inter-religioso». Depois, um breve vídeo sobre o Movimento apresentou o diálogo inter-religioso dos Focolares, seguido de várias perguntas e de uma troca de impressões muito rica e profunda.

Christina Lee

Uma ceia para celebrar o Ramadão

Em Houston, com os amigos muçulmanos

Dennis e Joan Clifford, voluntários e delegados para o diálogo inter-religioso em Houston, convidaram alguns amigos muçulmanos para o jantar durante o Ramadão. Estiveram presentes oito pessoas do Movimento dos Focolares e onze muçulmanos, entre os quais dois Imãs, com as suas famílias.

Foi uma ocasião para reavivar os relacionamentos.

Antes do jantar fizeram-se algumas orações de ambas as tradições religiosas, e depois, de modo imprevisto, bateu à porta uma jovem senhora muçulmana, de Samoa, com um prato de comida para partilhar, contente por ter sido convidada e dizendo imediatamente que a casa lhe parecia diferente do ano anterior. Percebeu-se que se tratava de um engano e a senhora foi encaminhada para uma outra casa, para onde tinha sido convidada. Mais tarde, quando ainda lá estávamos, a senhora voltou com o marido para agradecer o acolhimento recebido antes.

Durante o jantar, a conversa centrou-se na grande amizade entre Chiara e W.D. Mohammed e sobre o significado da fé na nossa vida. No fim, Daa`iyah, mulher do Imã Farooq, falou longamente, exprimindo o desejo de um mundo em que se possa viver assim, como tinham experimentado durante aquele serão.

Sociedade política e fraternidade

Na Argentina, uma nova Disciplina opcional na Universidade de Salta



Fornecer um serviço à sociedade e, ao mesmo tempo, ajudar a Universidade a encontrar as respostas mais adequadas para os problemas sociais. É este o objetivo da nova Disciplina opcional, que foi inaugurada no passado 28 de setembro em Salta (zona de Córdoba), na Argentina. A assinar o acordo da convenção entre o Ateneu católico e o Movimento político para a Unidade da Argentina estavam o reitor da Universidade Jorge Antônio Manzaráz e Cecilia Blanco de Lascio, presidente do MppU. Para a festa e para celebrar este momento, estiveram também numerosos membros do Movimento dos Focolares, juntamente com políticos do MppU e alguns 'alunos' da escola de formação promovida pelo MppU, no norte da Argentina. Não faltaram os representantes das administrações provincial e municipal de Salta e outros políticos das realidades locais limítrofes.

Durante a cerimônia de abertura, na Aula Magna da Universidade, o Reitor acentuou a importância deste curso assim como do UppM que o tinha proposto: «Temos necessidade de construir uma política

melhor e estamos convencidos que a nossa Universidade deve estar apta para oferecer aquilo que nasce da nossa fé, que nasce do coração do homem. Estamos gratos a todos vocês porque estiveram ao nosso lado e nos abriram este espaço. Esperamos que se multipliquem estas ações que beneficiam toda a comunidade, não só acadêmica, mas também a sociedade inteira».

Durante o programa, em que foram apresentadas as raízes do MppU e os objetivos da Cátedra, as palavras do vice-reitor de Formação Acadêmica, Francisco Nuñez, sublinharam a importância que reveste a Universidade na formação dos jovens e, portanto, a preciosidade do contributo fornecido ao ateneu pelo MppU, que se apoia solidamente em experiências de vida.

Foi muito viva a intervenção de Ignacio Gonzalez, um jovem que frequentou a Escola de Formação Social e Política do MppU. Foi ele

que revelou que a vida de Chiara, a sua disponibilidade para ser guiada pelo «Mestre», a sua opção de viver pelos outros durante a guerra, intrigaram-no: «Quem é que pode guiar e apoiar o empenho político quando até os dirigentes

geram desilusões? Qual a novidade que Chiara traz para a vida de militância e gestão política?». Quem respondeu a estas perguntas – quase num desafio – foi Verónica López, diretora da nova Disciplina opcional, que explicou que este novo curso vai partir do conceito de fraternidade para depois oferecer um contributo maior na reflexão e na vida pública.

Esta Disciplina – declarou no fim Ruben Fortuny, assessor do trabalho da Província de Salta – vai dar à vida política a possibilidade de gerar espaços onde se possam trocar experiências que nutram estes ambientes com uma maior e melhor democracia, que permitam transformar até a vida da Província».

*Cecilia Di Lascio
e a Comissão do MppU*





6° Encontro pedagógico

A noite e o amanhecer

Educação pelo sofrimento e pela esperança

O carisma de Chiara ecoa nas paredes da histórica Universidade de Pádua onde Galileo Galilei ensinou

Depois de um ano de reflexão e estudo, (em que os membros da Comissão Internacional de EdU, em conjunto com outras pessoas em todo o mundo, se dedicaram ao aprofundamento das linhas pedagógicas resultantes de um dos pilares da espiritualidade da unidade - Jesus Abandonado - em colaboração com a AMU), a Universidade de Pádua e a Associação Panthaku, organizaram uma conferência muito participada.

Depois das saudações das autoridades académicas e civis, o Prof. Tiziano Vecchiato, Diretor da Fundação Zancan, que faz investigações em parceria com SocialOne, desenvolveu uma análise profunda da sociedade e das relações interpessoais, à qual se seguiu a intervenção da Comissão de EdU. No final da manhã foi projetado um ex-

certo do vídeo do doutoramento honoris causa em Pedagogia (Washington 2000), no qual Chiara diz que é imperativo «viver no limite», comparando esta escolha à experiência de Jesus que, sobre a cruz, viveu o seu abandono, amor no mais alto grau. É mesmo Jesus Abandonado, o homem das dores, que «nos mostra o limite sem limites da nossa ação pedagógica, até que intensidade deve chegar» fazendo-nos descobrir, depois, «o limite sem limites da nossa responsabilidade em ajudar

e educar». Chiara deu-nos este segredo com as palavras e com a vida, ensinando-nos a importância de estar na "ferida" por excelência, porque só estando naquela posição tão desconfortável, só sendo esta «ferida-amor» poderemos compreender, sarar as feridas e descobrir o segredo da obra de redenção que é educar, a verdadeira passagem da noite para o dia.

De facto, não é fácil educar numa época caracterizada por crescentes desequilíbrios, por extremismos religiosos, por





uma crise social, económica e cultural que atinge transversalmente vários Países e Continentes; por uma desintegração crescente dos quadros de referência e com a consequente incerteza de valores e sem esperança de futuro para as novas gerações.

Como educar em contextos

que parecem ter perdido toda a esperança ao ponto de corroborar a ideia de uma efetiva «falta de educabilidade» do ser humano? À macro-desmotivação sócio-cultural que a nossa sociedade atravessa deve-se responder assumindo diretamente a desmotivação que se apresenta ao nível micro, is-

to é na singularidade das situações únicas que nos desafiam, nas relações interpessoais, nos nossos pequenos mundos de trabalho quotidiano, familiar, na escola, nas pequenas comunidades a que pertencemos, como evidenciaram as várias experiências apresentadas, a nível da educação, desde Paris a Palermo e a Trento, experiências que puseram em evidência que é possível aos educadores «afinar o engenho» com todos os instrumentos da educação, para fazer emergir a pedra preciosa que existe em cada um e compreender aquela angústia íntima, aquele sofrimento existencial, pensando que é mesmo a partir desta inevitável dimensão que é possível iniciar a passagem da noite para o dia.

Comissão central de Edu

Para ir buscar coragem e alegria

Terceira jornada pedagógica em Innsbruck

«Relacionamentos de amizade entre culturas», foi este o título da terceira jornada pedagógica promovida pelo grupo local de Edu, no passado dia 23 de março, em Innsbruck (Áustria). Estiveram presentes 90 pessoas, professores e educadores, alguns também de religião islâmica.

Do programa constaram intervenções de peritos e *workshosps* orientados por pessoas empenhadas nesta área, sobre diversos

temas: da comunicação não violenta ao contributo da arte no ensino. Um clima de verdadeira fraternidade caracterizou este evento, que deu coragem e alegria aos participantes. «Temos a certeza que esta conferência se tornou possível devido aos relacionamentos que foram crescendo no decorrer destes anos nas nossas comunidades locais». Foi assim que, no final, se expressaram Claudia Robineau e Gerlinde Wright, do grupo de Edu.

A visita do focolar "em casa"

Viagem ao Malawi e à Namíbia

Primeiro, uma viagem de 12 dias, em julho. Depois, mais 10 dias em agosto. O destino foi o mesmo: o Malawi. E o objetivo? Levar o amor do focolar a estas comunidades do Sul da África. Mas os protagonistas foram diferentes. Em julho, foram uma focolarina e uma gen do Malawi: percorrem o País, encontram-se com gen e Jovens para o mundo unido, tanto em regiões rurais como nas Universidades, e depois concluem a sua estadia em Lilongwe, com uma escola para as gen3. Foi uma profunda e luminosa experiência de unidade. Para as comunidades, foi muito grande a alegria de receber «em casa» a visita do focolar, que mobilizou todos e deu ocasião de apresentar o Ideal a sacerdotes, a religiosas e a outros jovens.

Em agosto, por sua vez, foram os Delegados de zona, Maria Magnolfi e Padraig Smyth a ir ao Malawi: "Tivemos - escrevem - preciosos dias de focolar com os dois focolarinos casados Dennis e Modesta Simango, nos quais era evidente a sua fidelidade e sabedoria, e o quanto envolvem o País com Jesus no meio. Depois, mergulhámos numa Mariápolis com 150 pessoas fasci-

nadas pelo Evangelho: Foi-se em profundidade no "Viver a Palavra". No fim, vivemos também dois dias de formação sobre a Nova Evangelização, com as voluntárias, os voluntários e quatro gen mais responsáveis. Foi um encontro muito animado e interessante para perceber e enfrentar os desafios da globalização».

Também em agosto, os dois responsáveis da região estiveram na Namíbia, durante um fim-de-semana muito esperado quer pelos mais jovens quer pelos seminaristas, pelos

adultos e pelas religiosas. O tema de Chiara sobre a Palavra e os seus «efeitos» foi o ponto alto do encontro. Todos receberam com muita profundidade a mensagem e isso viu-se também durante a festa que se realizou à noite, com um jogo de perguntas sobre o tema de Chiara. A comunidade do Movimento é ainda muito pequena, mas genuína e viva. Até agora foi seguida regularmente pela irmã Marilena e, de ano para ano, vamos constatando como todos crescem em profundidade e na vida do Ideal.



Em Los Angeles

Jornada da Interdependência



A primeira destas jornadas realizou-se em 2002, em Filadélfia. Depois, pouco a pouco, por todo o mundo: em Bruxelas, na Casablanca, em Paris e na Cidade do México. A Jornada da Interdependência foi promovida por Benjamin Barber, uma ideia lançada a seguir ao famoso «11 de setembro» e ao colapso das Torres Gémeas.

Em 2004, a Jornada realizou-se em Roma e foi o último evento público em que Chiara Lubich participou.

Este ano, Benjamin Barber escolheu Los Angeles e o tema principal da Jornada foi o contributo da arte e do filme para a interdependência. No dia 8 de Setembro foram numerosos os participantes provenientes

tes de diversos países (Nepal, França, Alemanha, Inglaterra) que aderiram a vários seminários, entre os quais também algumas focolarinas e voluntárias. Barber sublinhou que, por todo o lado, encontra e sente o apoio do Movimento

dos Focolares: «em todas as cidades onde vamos existe um grupo que participa». Então, com muita espontaneidade apresentou Chiara Lubich, mostrando a sua grande estima por ela.

Dois dias depois, diante

do Município de Los Angeles, na presença do presidente da Câmara, Antonia Villaraigosa, uma voluntária, delegada do quinto diálogo, leu a mensagem que a Emmaus preparou para a Jornada e que suscitou um grande interesse.

Run4unity em Graz Desporto e solidariedade

470 participantes, mais de 100 colaboradores e muitas camisolas amarelas pela cidade



São estes os ingredientes básicos do Run4unity que se realizou em Graz, no passado dia 14 de Outubro. É um evento promovido pelos Jovens para a Unidade, uma grande maratona

que se repete, todos os outonos, na cidade austríaca, levando muitos desportistas às estradas. Este ano estavam mais de dez mil.

«Queremos gritar o Ideal dos telhados, foi por isso que nos lançámos nesta aventura» foi como os jovens explicaram a opção de propor, a oitava edição, esta corrida pelas ruas de Graz: «Na praça e em todo o percurso - escrevem numa carta à Emmaus, na conclusão do dia - existia uma esplêndida atmosfera e muita alegria. O céu azul com um sol esplêndido, depois de dias de chuva, pareceu-nos uma prenda especial de Deus».

O ponto alto deste momento, que conjugava, em simultâneo, desporto e solidariedade (de facto, os jovens decidiram aproveitar este dia para dois projetos a realizar no Brasil), foi o encontro com o famoso esquiador Michael Walchhofer que, tendo chegado inesperadamente, contou a sua experiência de Sports4peace.

E, depois da corrida, o dia concluiu-se no focolar com uma «after-run-party» e com uma bela surpresa: a visita do Bispo auxiliar de Graz que, depois de ter participado na corrida, encorajou os jovens a continuar a Run4unity e prometeu o seu apoio.

A comunidade de Graz (Austria)

A Palavra Viva renova a família

Em Santo Domingo uma escola de vida para 24 casais

Um ramo de flores e um cartãozinho com uma passagem do Evangelho sobre o matrimônio, juntamente com uma mensagem de Chiara sobre o amor fraterno. Foi assim que foram recebidos os participantes na Escola de Famílias Novas, que se realizou em Santo Domingo de 12 a 14 de outubro. Um gesto de boas-vindas um pouco especial, que todos os casais encontraram no próprio quarto; depois, as várias mensagens foram lidas em conjunto e, a partir daí, o compromisso de pôr em prática aquelas palavras, não só nos dias da escola, mas também depois de regressarem a casa.

No total eram 24 os casais que participaram no encontro de Famílias Novas. Oito vieram pela primeira vez. Um jovem casal, que celebrou o seu casamento há apenas quatro meses, participou na escola porque foi o presente de casamento de uma das famílias da Obra.

Outro casal já estava casado há dois anos mas, pouco tempo depois, devido a incompatibilidades, tinha-se separado. No entanto, há seis meses, decidiram recomeçar e, assim, foram convidados para a Escola.

Para eles foi como uma segunda lua-de-mel. Disseram que os dias que passaram ali, juntos, lhes tinham ensinado a «olharem-se com olhos novos».

No sábado de manhã, depois da Missa, criou-se logo uma atmosfera sobrenatural e o tema «Como viver o Evangelho em família» tornou-se a chave para a sucessiva comunhão de alma e de experiências.

Virginia e Juan de La Romana contaram como o facto de procurar viver o Evangelho os ajudou depois da morte da filha deles, que foi para o paraíso há dois meses.

Dionisio e Carmen Laura disseram que, procurar viver dia após dia a palavra de Vida, os ajudou na educação dos filhos.

À noite, Concepcion e Mirurgia, responsáveis de famílias Novas de La Romana, apresentaram o tema «Como acompanhar os nossos filhos na idade da adolescência?». Foi importante refletir em família sobre a empenhativa realidade da educação dos filhos e como transmitir-lhes os valores cristãos e o ideal.

No domingo, com o Regulamento de Famílias Novas nas mãos, passou-se a uma reflexão comum sobre como deveria ser o nosso testemunho no mundo. Foi um trabalho que nos ajudou a perceber melhor o nosso papel nesta crise de valores.

Alejandrina e Astacio Castro



p. Josef (Sepp) Gleich

«... e será um só rebanho e um só Pastor»

Sacerdote focolarino da Alemanha, chegou à Mariápolis celeste no dia 20 de outubro.

Para comunicar a notícia e para agradecermos juntos a Deus por este nosso irmão, Emmaus transmitiu aos focolares no mundo o telegrama que p. Hubertus Blaumeiser enviou a todos os sacerdotes:

«Esta noite, às 2 horas, o nosso caríssimo Josef Gleich partiu para o Céu, depois de longos anos de sofrimento. Tinha 86 anos de idade.

Muitos recordam-no como uma das "pedras fundadoras" do ramo sacerdotal na Alemanha, o seu incansável promotor desde o início dos anos '60, quando na Itália os sacerdotes não podiam fazer parte do Movimento e era na Alemanha que se realizavam os primeiros encontros internacionais.

Mas Sepp Gleich esteve também no início do ecumenismo da Obra. Foi ele que estabeleceu os primeiros contactos com os "Bruderschaften" (irmãos) evangélicos, com a sua vida fortemente ancorada à Palavra de vida: "... e será um só rebanho e um só Pastor" (cf. Jo 10,16).



Destacam-se na vida de Sepp a sua fé adamantina, através da qual nada parecia impossível ou demasiado pesado, e a sua generosidade sem limites.

Como instrumento da comunhão de bens e, mais ainda, da Providência, ajudou inúmeras pessoas, entre as quais sacerdotes e Bispos, não só nas duas partes da Alemanha - Oriental e Ocidental - mas também no Brasil, Paquistão e ainda noutros lugares.

Recentemente, em sua casa, tive oportunidade de celebrar com ele a Missa e guardo

uma impressão inesquecível. Naquela hora parecia que o véu dos limites físicos se desfizesse e sentia-se toda a amplitude e profundidade da sua alma: o seu desígnio sempre vivo.

Nos últimos dias, quando Sepp passou um momento de saúde muito delicado, a senhora Rosa, a sua fiel empregada durante 50 anos, perguntou-lhe o que devia dizer às pessoas que perguntassem por ele. E ele respondeu: "Ver-nos-emos no Paraíso!". Durante o dia de ontem, a poucas horas da morte, recebeu ainda uma vez a visita dos nossos sacerdotes e cantou com eles: "Tu sabes que Te amo, tudo és para mim..." Tudo isto e muito mais será apresentado no perfil da sua vida, mas não podíamos deixar de vos informar da partida para o Céu deste "campeão da unidade»:

d. Hubertus e todos da Villa Giovedì Santo

Transcrevemos os telegramas de Emmaus referentes a dois focolarinos que chegaram recentemente à Mariápolis celeste

Salvatore Bracco

«Permaneço firmes... sabendo que a vossa fadiga não é em vão...»

No dia 15 de outubro, Salvatore, esplêndido focolarino casado de Palermo, partiu para o Céu, com 69 anos de idade, depois de um período de doença dolorosa.

Nascido em 7 de dezembro de 1943, conheceu o Ideal na Mariápolis de 1973. Empenhou-se de imediato a transmitir com a vida e com palavras a certeza do amor de Deus. Na sua fecunda vida apostólica deu o Ideal a muitos outros que, depois, encontraram o seu lugar na Obra. Sobre tudo nos últimos anos, o seu empenho foi dirigido de modo particular às novas gerações.

Com a sua mulher Santina, também ela focolarina, viveu uma vida simples, deixando um testemunho extraordinário aos seus cinco filhos e a toda a comunidade da sua região (Alimena).

É recordado como um homem justo, franco, forte e brando ao mesmo tempo, que amava a verdade e era coerente com aquilo em que acreditava.



Salvatore manteve, desde o início, uma forte ligação com Chiara a quem comunicava muitas vezes as suas descobertas e os passos que Jesus lhe pedia para dar. Em janeiro de 1987, escreveu-lhe: «Este ano Jesus está a pôr à prova a minha fidelidade. Sofro física-

mente por causa da falta de saúde, mas estou contente porque sinto que tudo é amor, Deus ama-me imensamente...». E, em 1994, dizia-lhe: «Tu deste-me esta alegria de amar Jesus Abandonado, que é o caminho para chegar e ficar sempre no Paraíso contigo, nesta Terra. Quanto à saúde, às vezes existem melhoras, outras vezes agrava-se, mas sinto que esta é a vontade de Deus para mim e que é uma Sua grande graça, que serve para a minha purificação, para melhorar a minha "santa viagem". É uma prova que ofereço todos os dias por ti e por toda a Obra».

Há um ano, quando lhe diagnosticaram uma doença grave, disse simplesmente: «Chegou o Esposo!». No rápido desenvolvimento da doença repetia com serenidade; «Quero fazer a vontade de Deus». E o sofrimento, que ia sempre aumentando, tinha sempre para ele um «rostro» e um «nome»: Jesus Crucificado e Abandonado, escolhido como Esposo da alma e amigo fiel. Nas últimas semanas, sempre com Jesus no meio, continuava a oferecer tudo pela Obra, especialmente pelos focolarinos: «Quero continuar a jogar», repetiu muitas vezes e depois, plenamente consciente: «Jesus, amo-Te!». Quando alguém lhe perguntou se estava sereno, respondeu: «Sim! Confessei-me, recebi a Comunhão e agora espero que Nossa Senhora me venha buscar». A um focolarino que o ajudava, com olhos luminosos disse: «Agora é assim, mas depois será diferente, haverá música, cânticos, danças, felicidade...».

A Palavra de vida que Chiara lhe deu é: «Permanecei firmes... sabendo que a vossa fadiga não é em vão para o Senhor» (1 Cor 15,58).

Testemunhou verdadeiramente, com pura coerência, o Ideal em que acreditava.

Francesco Maria Ibba

«Jesus Abandonado espera-te em cada próximo...»

Focolarino casado do centro zona de Florença, chegou à Mariápolis celeste quando estava a dormir, na sexta-feira, dia 19 de outubro. Tinha 75 anos.

A Palavra de vida que Chiara lhe deu foi: «O que fizeste ao mais pequeno, foi a mim que o fizeste» (Mt 25,40).

Casado com Geneviève há mais de cinquenta anos, também ela focolarina, era pai de quatro filhos e avô de muitos netos.

Conheceu o Ideal em 1958 e, alguns anos depois, escreveu a Chiara: «Quero transmitir-te os frutos que a Mariápolis deixou na minha alma. Antes de mais, senti a reconfirmação da minha vocação em fazer parte da Obra de Maria, como focolarino casado. E rezo a Nossa Senhora que se apresse a dar à minha alma os passos necessários para que esta vocação se realize plenamente e quanto antes».

Licenciado em Medicina, especializou-se em Psiquiatria, mas era um pedagogo e um especialista em ética, conselheiro de Bispos.

Viveu o seu trabalho com empenho, juntando às notáveis e apreciadas capacidades profissionais uma atenção particular para com os doentes. Em janeiro de '77, depois dos temas de Jesus Eucaristia, escreveu a Chiara: «Como médico, estou habituado há muitos anos a tocar em corpos muitas vezes em sofrimento e doentes e o teu Ideal ajudou-me a reconhecer neles a marca de Jesus Abandonado, de Cristo sofredor e ferido também fisicamente, suspenso na cruz. De tudo o que ouvi ontem e hoje de ti, tenho como impressão, verdadeiramente nova, a descoberta em cada próximo de uma carne diferente, resgatada, do Cristo Redentor [...], num milagre de amor que nunca me tinha parecido tão grande».

Alguns anos mais tarde, confiando a Chiara as dificuldades de trabalhar num ambiente praticamente ateu, recebeu dela esta resposta: «Sim, é verdade: Jesus Abandonado espera-te em



cada próximo, não para que tu o cures ou convertas, mas para que tu o sirvas e o ames com o Seu próprio amor. No resto, depois, pensa Ele, como só Ele sabe fazer».

Durante muitos anos e com grande generosidade pôs à disposição também da Obra o seu profissionalismo, apoiando muita gente com uma sensibilidade extraordinária e uma grande pureza de coração. Com uma visão sobrenatural, e ao mesmo tempo profundamente humana, deu um contributo vital para a edificação da presença de Jesus no meio no focolar.

Depois de um enfarte cardíaco, em 1993, a sua saúde piorou progressivamente, reduzindo a sua autonomia e pondo à prova o seu inato sentido de liberdade e desejo de atividade. Vivendo também esta fase em estreita unidade com Chiara, escreveu-lhe: «Agora estou confinado a ter só Jesus Abandonado como referência, porque na experiência da doença só posso redescobrir, da minha cama, imóvel, o Absoluto. Nestes dias, nestas horas, posso também eu dizer "eis-me"». E com um amor cada vez maior, aderiu à vontade de Deus.

Com Geneviève, foi sempre fiel ao conselho de Chiara para a sua família, ainda em 1973: «Que entre vós tudo se faça com amor». (1 Cor. 16,14). Parece-nos que, com a partida de Francesco, tão suave e silenciosa, nos damos conta da presença de Maria, que veio buscar este seu filho, particularmente amado, para o levar a Jesus.

p. Godehard Schaller svd

Apóstolo incansável

Nele, era cada mais vivo o desejo de poder ver a glória de Deus e isso foi-lhe concedido no passado dia 5 de janeiro, com 75 anos de idade. O seu superior escreveu: «A sua característica era a grande afabilidade e atenção para com todos. Para muitos que o conheceram, contagiados pelo seu profundo entusiasmo missionário, tornou-se o guia espiritual. A família dos missionários de Steyl (Verbo Divino) está muito agradecida a Deus pela vida e obra deste nosso irmão».

O Padre Godehard, nascido em Singen-Hohentwiel, na Alemanha, aprendeu a profissão de jardineiro. Trabalhou com a Juventude da sua pa-

róquia e com os jovens operários católicos (JOC). Ao participar nos seus grupos bíblicos, despertou nele o interesse pela Igreja universal e, aos 20 anos, entrou na Sociedade do Verbo Divino. Começou os estudos universitários em Bona e, em 1966, entrou no seminário maior do Verbo Divino, na cidade de Tagaytay, nas Filipinas, onde foi ordenado sacerdote.

No seu diário, em 1959, conta o primeiro contacto com o Movimento: «Falei com um sacerdote sobre o seu encontro com os focolarinos, nas Dolomitas: "Querem viver uma vida cristã autêntica, segundo o Evangelho, e viver pela unidade". A minha decisão imediata foi: eu também quero».

Foi para as Filipinas, juntamente com outro religioso da sua congregação, o p. Josef Taschner (v. Mariápolis n. 2/2012) e empenhou-se ativamente no desenvolvimento do Movimento. Escreveu a Chiara: «Deus guiou-me de modo maravilhoso através das dificuldades. Encontrei Jesus Abandonado e por isso senti-me no caminho certo. Aaprendi a perder as minhas intenções e os meus planos e percebi que, deste modo, se pode realizar a vontade de Deus. Experimentei a grande família que procura viver o Evangelho e tive a graça de ver que o Corpo Místico de Cristo é uma realidade».

Chiara deu-lhe uma Palavra de vida: «Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele. (1 Gv 4,16).

De 1986 a 1993, o P. Godehard teve autorização para estar inteiramente à disposição dos Focolares na Ásia. Adquiriu uma casa em Tagaytay, e transformou-a num centro de espiritualidade para religiosos.

Por motivos de saúde voltou depois para a Europa. Dedicou-se a cuidar dos peregrinos que visitavam a Casa onde nasceu o beato Josef Freinademetz - missionário do Verbo Divino na China - e depois diretor espiritual em institutos de religiosas no sul da Alemanha. Nos últimos anos uma doença reduziu-lhe as forças. Num encontro de religiosos, em Ottmaring, contou a sua experiência, que foi considerada por quem a ouviu como o seu testamento espiritual e como testemunho da sua identificação com o fundador da sua ordem,, o P. Arnold Jansen.



Bernd Aretz

Yang Mi Kyung Catarina

«Também hoje me treino»

Em 1967, Catarina começou a frequentar a Igreja católica e, durante o catecumenato na Catedral de Seul, conheceu o Movimento dos Foculares, que passou a seguir com assiduidade. Em 1970 encontrou Hwang Ui Cheon Stefano, que se tornou seu marido, e tiveram dois filhos. Viveiram algum tempo com a numerosa família dele. As dificuldades económicas não faltaram, o seu marido não compreendia a sua escolha, mas Catarina convenceu-o, amando-o com humildade e sabedoria. Sentiu a chamada a ser uma voluntária de Deus, uma das primeiras da Coreia. De poucas palavras, sabia escutar, seguia com amor o núcleo que lhe estava confiado. Tinha uma enorme generosidade em muitas situações, para a construção do Centro Mariápolis ou para ajudar uma família com necessidades e que durante anos habitou numa casa sua, sem pagar renda... Há alguns foi-lhe diagnosticado um cancro. Um dia,

tendo acabado de chegar de um tratamento de quimioterapia, não hesitou em conduzir o automóvel para ir buscar um médico a ver uma pessoa doente. Enquanto o seu marido combatia uma doença incurável, apesar de Catarina já estar doente, preparou-o para a partida para o Paraíso. «Jesus,

ofereço-te este momento» era sempre a sua única resposta. Oferecia as suas dores pela Igreja, pela Obra e pelas pessoas em dificuldade. Vimos nela o servo fiel que cumpriu a sua tarefa. Antes da inevitável intervenção cirúrgica, fez a Confissão e ficou muito contente. Depois da operação, no dia 2 de abril, deixou-nos serenamente, com 67 anos de idade, acompanhada pela sua família natural e pela da Obra. Tinha escrito: «Não temerei a morte, porque é a partida para a vida eterna. Também hoje me treino para dar o meu coração a Deus».

Won-Ju Moon (Maris)



Vittorio Volta

Um dos primeiros voluntários de Parma

Tendo-se formado na área do ensino, tornou-se professor e mais tarde diretor didático. Nesta função manifestou toda a sua abertura. Foi sempre de caráter moderado mesmo nos momentos dramáticos: por exemplo, durante a guerra, quando vestido de oficial na frente francesa devia executar ou dar ordens contrárias aos seus ideais.

Conheceu o Movimento nos anos '60. Foi um dos primeiros voluntários de Parma: «Naqueles anos - conta um voluntário - era muito notada a diferença de classes, mas quando conheci Vittorio sentime de imediato acolhido - eu era operário». Em Soragna, a sua terra natal, muita gente conheceu o Movimento através dele que, apesar de muito empenhado no trabalho, organizava todas as semanas encontros com a comunidade que estava a nascer. Em Parma muitos o recordam pela sua cultura «que não fazia pesar a ninguém» e pela sua grande generosidade. A sua casa estava sempre à disposição para os encontros do Movimento e durante um período foi utilizada como armazém e escritório de «Cidade Nova». Nos últimos anos uma doença incapacitante deixou-o confinado à cama, tendo sido tratado com amor pela mulher Giulia e pelos familiares. Com o agravamento da doença, Vittorio não conseguia falar, mas quem o visitava dizia: «Fixando-me nos olhos, apertava-me a mão como a dizer-me para permanecermos unidos». Deixou-nos no passado dia 26 de abril, com 97 anos de idade. O sacerdote que presidiu às exéquias falou dele como sendo uma grande testemunha.

Franco Monaco

Araceli Maria Hierro Góes

Irradiava luz e alegria

Araceli Maria, voluntária da Mariápolis Ginetta, concluiu a sua «santa viagem» no dia 22 de agosto. Tinha 38 anos e desde que nasceu estava confinada a uma cadeira de rodas. Muitas pessoas definem a sua vida como «um prodígio». O que mais surpreendia quem a encon-



trava na cadeira de rodas, que conduzia com grande habilidade, era a luz do seu sorriso. Expressou isso a irmã Graziella, durante as suas exéquias, na igreja superlotada de uma multidão comovida: «Todos nós

teríamos para contar as brincadeiras, os jogos que fazia com a cadeira de rodas, as risadas que a distinguíam, a alegria que irradiava, a criatividade em transformar as situações mais difíceis em amor, a sua vontade de viver intensamente e a pureza de um coração capaz de acolher em todas as circunstâncias o amor de Deus».

Também Chiara tinha ficado admirada quando há vinte anos atrás - durante a sua visita à Mariápolis Ginetta onde Araceli vivia com a sua família - no seu diário escreveu: «*neste lugar o Ressuscitado não resplandece com plenitude apenas nas pessoas saudáveis. Vi uma gen deficiente física. Não tinha nunca encontrado uma pessoa semelhante: falava, gesticulava, amava como as outras. Nem sequer um sopro de inibição no seu rosto*».

Araceli era a encarnação da Palavra que Chiara escolheu para ela: «Deus ama quem dá com alegria» (2 Cor 9, 7). Nas pessoas que a conheceram é geral a gratidão pela sua fidelidade, a alegria e a luz que irradiava da dor transformada em amor. Agora repousa no cemitério da Mariápolis Ginetta.

Gehilda Cavalcanti



surpreendente, a sua casa era lugar de encontro para quem desejava partilhar a vida da Palavra, Palavra que ela sempre testemunhou com franqueza. O seu caráter radiante, a disponibilidade para escutar, aconselhar, ajudar de todas as maneiras (procurando casa, trabalho, resolvendo situações, oferecendo apoio) fazia sentir cada pessoa por ela amada de um modo preferencial. E também nos momentos mais difíceis desdramatizava as situações com o seu humor. Nestes últimos meses dizia: «Não posso fazer muito, mas escuto, contam-me tantos sofrimentos e quando descarregam os seus fardos, partem com um pouco de paz e eu agradeço a Deus esta minha condição». Por causa da doença, perdeu depois a fala: mesmo ela para quem comunicar era quase como respirar. Alguns dias antes de morrer com um sopro de voz sussurrou várias vezes à filha: «Ofereço tudo a Deus». Quando Franca percebeu, Marisa serenou e anuiu com um belo sorriso, a sua última, luminosa mensagem.

«Levantou voo» no dia 21 de Agosto, com 79 anos de idade. A sua Palavra de vida era: «Quem perder a vida por minha causa, há-de salvá-la» (Lc 9, 24). *No noticiário on-line está disponível um perfil mais completo com algumas das suas experiências.*

Bruno Cantamessa

Marisa Emmanuelli

Testemunha da Palavra

Voluntária originária de Brescia, Marisa transferiu-se nos anos '70 para Pontassieve, próximo de Loppiano, com os filhos Bruno, Franca e Chiara e com marido Beppino, que dirigiu durante muitos anos a empresa vinícola «Ruffino», propriedade da família Folonari. Conheceram juntos o Movimento e o serviço tornou-se o seu lar. Juntamente com o marido foi uma assídua «apóstola» de Cidade Nova difundindo a revista entre as inúmeras pessoas com as quais dia após dia criou relacionamentos. Marisa ficou viúva em 1992; continuou a viver com uma generosidade

Eustachio Dragone

Desde o início em Matera

No dia 3 de julho, com 84 anos de idade, partiu para o céu Eustachio, de Matera (zona de Nápoles), interno de Famílias Novas e empenhado paroquial. Pessoa humanamente rica, jogador de futebol na juventude, foi várias vezes conselheiro municipal. Professor de Educação Física e Sub-diretor por muitos anos, era respeitado e amado pelos colegas, alunos e ex-alunos como «mestre da vida». Casado com Rosa, com três filhas, formavam uma família de referência para outros casais. Em 1976, a primeira Mariápolis foi de luz para a vida deles já intensa cristamente. Juntamente com dois sacerdotes focolarinos, foram os iniciadores

Maria Everts

Um otimismo sobrenatural

Maria (Mady), voluntária da Bélgica, partiu para o céu no dia 2 de agosto, depois de uma longa doença. Tinha 59 anos. Nasceu numa família cristã e cresceu na fé. O encontro com o Ideal, em 1977, foi fulgurante para ela. Seguiu logo Chiara na vocação de voluntária e superava sempre, até ao fim, todos os obstáculos para poder participar no encontro de núcleo. Amou a vida dando-se totalmente a tudo quanto lhe era confiado: família, trabalho, vida da paróquia; a sua casa estava sempre aberta. Transformou o seu sentido de humor, que difundia alegria, em otimismo sobrenatural e heróico quando lhe foi anunciado, há 10 anos, um grave tumor. Foi o encontro com Jesus Abandonado, em quem Mady fixou o olhar da alma e de onde lhe veio a força para oferecer sempre tudo.

Do seu modo de ser e dos seus escritos transparecem paz e confiança. Manteve até ao fim o contacto com o focolar, comunicando o seu

do Movimento em Matera, contribuindo para fazer nascer todas as vocações da Obra. Espirituoso na linguagem e nos gestos, Eustachio atraía a simpatia de todos. Tinha consciência de que podia morrer de um momento para o outro devido a problemas de coração. O seu bom humor, radicado no amor a Jesus Abandonado, levava-o a não se lamentar nunca. Com o seu sorriso o seu bom humor ajudava a desdramatizar as várias dificuldades. Não obstante os achaques da idade, Eustachio e Rosa faziam parte de uma companhia teatral nascida em sua casa, representando em vernáculo obras baseadas na unidade e nos valores familiares positivos. A Missa do funeral, participada por muitíssima gente, foi celebrada num clima de festa. O Bispo, que conhecia bem Eustachio, telefonou à família para exprimir a sua proximidade.

Bruno Cantamessa

estado de saúde e pedindo orações, certa de que «tantas orações juntas formam um belo cacho que Maria pode oferecer ao Pai». Os membros da comunidade local prestam-lhe ajudas concretas. Mady sente aproximar-se a «partida», mas sofre porque os seus familiares ainda não aceitam a ideia. No hospital, o médico que cuida dela ficou tocado com a sua serenidade. Em muitos anos de profissão nunca tinha encontrado um doente com tanta paz. Em casa reina uma atmosfera de céu e Mady consegue finalmente ajudar as filhas e o marido a aceitarem a separação. Agora pode «partir». A unção dos enfermos foi um momento sagrado, com a casa cheia de parentes, amigos, vizinhos... Mady, de facto, convidou todos para esta festa! E festa foi o seu funeral, onde uma multidão testemunhou o amor semeado em tantos corações.

Maria Verhegge

Em «Testimunos» www.focolare.org/notiziariomariapoli encontram-se outros perfis. Destamos os últimos inseridos: Lina Schillaci, Antonietta Foddai, Ugo Mancin, Rute Reis Pretto, Guglielmo Spazzoli, Emilio Miglioranza, Antonio Prandi (Pippo), Joaquin Garcia Valdecasas, Ilde Oferda Schellino.

Os nossos parentes

Passaram à outra vida: Juan Carlos, pai de **Nadia Ciceri**, foc.na em Trelew (Argentina Sul); a mãe de **Bassam Hakim**, foc.no no Egipto; a irmã de **Lidia Orozco de Argote**, foc.na casada da Bolívia; Fernando, irmão de **Antonietta (Desi) Gallo**, foc.na na Mariapolis romana; Kaoro, pai de **Gilberto Matono**, foc.no no c.zona di Porto Alegre (Brasil); Salvatore, irmão de **M. Teresa Bracco**, foc.na em Montet; David, irmão de **Martin Nkafu**, e Mariano, pai de **Paolo Vergari**, foc.nos na Mariapolis romana; Maria José, mãe de **Selma Barros**, foc.na no c.zona de Porto Alegre.

MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXIX • Dezembro de 2012 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Iris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 997** • Diretora: Filomena Viegas • Tiragem: 400 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).



Festas de Natal Gen4

Ao todo participaram cerca de 300 crianças, muitas delas acompanhadas pelos pais, irmãos e avós, nas várias festas de Natal gen 4: Açores, Lisboa, Porto, Coimbra, Faro, Cidadela, Abrantes e Torres Novas. Para todas foi um momento realmente solene.

Na cidadela, foi apresentado o presépio ao vivo, começando pela anunciação do anjo Gabriel a Maria, depois o percurso em burrinho até Belém, onde não encontraram estalagem para ficar, até ao estábulo onde as ovelhinhas os receberam...

As crianças eram os protagonistas da história verdadeira de Jesus. Todos se vestiram: uns de pastores, outros de reis, outros de povo... Momentos para não esquecer. E depois, todos na sala, contaram os seus "atos de amor" para Jesus, e receberam a surpresa: um Menino Jesus em gesso para oferecerem a uma pessoa que não O conheça.

Em todas as festas o que ficou mais foi "receber" Jesus no coração.

Eis algumas impressões:

Jesus, gostei desta festa. A mota (que

ele desenhou) é para Ti". Hugo-3anos;

"Adoro-te Jesus, gosto muito de ti. Gosto muito de estar contigo. Gosto muito quando falo de Ti. Adoro-te para toda a vida. Adoro-te por estares no meu coração.

Gosto muito de ti" Francisca -6 anos;

"Jesus é meu amigo". Inês 9 anos.

"Jesus, acompanha-me para sempre".

Raquel 7 anos.

"Jesus, peço-te que todos tenham amigos" - Maria 5 anos.

"Jesus ofereço-te o meu amor, generosidade e carinho. Como é que estás aí no céu? Por favor sê na mesma amigo daqueles que fazem maldades. Aqueles que fazem maldades têm na mesma um espaço nos seus corações para Jesus". Mariana - 8 anos

"Gosto de Jesus. Jesus ama-me".

Gonçalo - 7anos

Também para os Gen3 que ajudaram foi importante e alguns quiseram escrever:

"Jesus, eu estou a gostar muito desta festa. Estou a ajudar os Gen 4, porque sou mais velha. A festa está a ser muito "fixe" e está a ajudar-me a amar." Sofia - 11 anos.

